



6. “Essas Mulheres da Zona só Causam Problemas”: Representações de um Meretrício em Terras de Alemães no Sul do Brasil (Taquara – RS)

Daniel Luciano Geveh^I

Realizando uma análise crítica das fontes impressas pelo “Jornal Panorama”, publicado em Taquara (RS), buscamos identificar os elementos simbólicos que envolveram a construção – e difusão social - de imagens e representações sobre as mulheres que viviam e trabalhavam no lugar conhecido como “zona do meretrício”. Além disso, procuramos entender a dinâmica na qual estavam envolvidos os diferentes condicionantes que produziram esses discursos sobre as mulheres do meretrício nas décadas de 1970 e 1980 e os elementos simbólicos empregados na veiculação dessas notícias, que vinculavam-se, na maioria dos casos, a questões como a desordem e ao desregramento moral.

Palavras-chaves: Imprensa. Prostituição. Representação Social.

Hacer un análisis crítico de las fuentes impresas para el "Jornal Panorama", publicado en Taquara (RS), que busca identificar los elementos simbólicos relacionados con la construcción - difusión y social - de las imágenes y representaciones de las mujeres que viven y trabajan en lugar conocido como "área de la prostitución". Por otra parte, entendemos la dinámica de que participaron en las diferentes condiciones que produjeron estos discursos sobre las mujeres que ejercen la prostitución en los años 1970 y 1980 y los elementos simbólicos utilizados en difusión de estas historias, que fueron vinculados, en la mayoría de los casos, los problemas como el trastorno y el libertinaje moral.

Palabras clave: Prensa. La prostitución. Representación Social.

Introdução

O meretrício de Taquara tem sua história associada ao desenvolvimento do próprio município, que desempenhou um papel social relevante no contexto de desenvolvimento regional do Vale do Paranhana, situado na região Nordeste do Rio Grande do Sul e marcado pelo processo imigratório alemão no sul do Brasil, desde meados do século XIX. Em nosso estudo interessa, especialmente, entender como, na medida em que o município de Taquara se desenvolveu economicamente e se consolidou como o município de maior destaque e relevo no cenário econômico da região nas primeiras décadas do século XX, viu-se também o surgimento de um meretrício, em meio ao seu espaço urbano.

A partir dessa relação é que procuramos inserir a problemática desse estudo, que busca interpretar o processo de construção de representações sociais difundidas pela imprensa local acerca dos diferentes papéis sociais assumidos pela “zona do meretrício de Taquara” – popularmente conhecida em toda região.

É no contexto, ainda das primeiras décadas do século XX, que acompanhamos o surgimento e o crescimento da área do meretrício, onde se instalaram diversas casas voltadas a diversão



noturna e a prostituição feminina. Dessa forma, o meretrício de Taquara e seu conjunto de estabelecimentos, acabam chamando a atenção dos moradores da região, devido especialmente ao seu grande desenvolvimento, que contava já no início do século XX com algumas dezenas de mulheres que atuavam nas casas localizadas na “zona do meretrício”.

Além de o meretrício estar associado à prostituição de mulheres oriundas de diferentes localidades do estado, era também frequentado por pessoas de diferentes municípios da região (em especial do Vale do Paranhana e Vale dos Sinos, visto que a cidade de Taquara se localiza no ponto de entroncamento dessas duas regiões), que lá buscavam diversão com as diversas apresentações artísticas que eram realizadas por diversas celebridades do mundo artístico. Com isso, o meretrício não era lugar apenas de prostituição, mas também um espaço social freqüentado por diferentes grupos sociais que lá buscavam diversão e entretenimento.

Assim, se torna compreensível que, mesmo não sendo apenas “lugar da desordem” o meretrício tinha - na maioria das vezes essa imagem negativa difundida - na perspectiva apresentada por Jodelet^{II}, para quem as representações sociais “Expressam aqueles (indivíduos ou grupos) que as forjam e dão uma definição específica ao objeto por elas representado.”^{III} Ainda de acordo com a autora “Estas definições partilhadas pelos membros de um mesmo grupo constroem uma visão consensual da realidade para esse grupo.”^{IV}

Muitos eram os momentos em que a sociedade local e regional prestigiava as apresentações artísticas do meretrício. Exemplo disso, temos nas ocasiões em que se apresentaram os cantores de renome nacional como Ângela Maria e Nelson Gonçalves, o que reforça nossa convicção de que o meretrício tinha, acima de tudo, visibilidade social na região. Esses artistas se apresentaram na “Apollo 11”, uma das maiores e mais famosas casas localizadas no meretrício. Entretanto, o meretrício de Taquara mesmo estando associado à cultura e a diversão da região acabou tendo sua imagem associada fortemente à prostituição e a violência que se pratica em seus arredores e até mesmo em algumas casas do local.

Nessa perspectiva, tomamos aquilo que Schactae^V apresenta quando discute o processo de construção dos espaços sociais, que para ela são determinantes na construção da identidade de cada grupo. Ou seja, como o grupo social se vê e como é visto por outros grupos. Assim a autora nos ajuda a pensar sobre as identidades, que por sua vez são interiorizadas e objetivadas através das relações estabelecidas nos diferentes espaços sociais. Dessa forma, podemos pensar no meretrício de Taquara, enquanto um espaço social que é adjetivado e subjetivado pelos diferentes grupos sociais que compõe a sociedade taquarense.

Contando História(s): o cenário, as personagens e o enredo nas páginas do panorama

Uma cidade é, sem dúvida, antes de tudo uma materialidade de espaços construídos e vazios, assim como é um tecido de relações sociais, mas o que importa, na produção do seu imaginário social, é a atribuição de sentido, que lhe é dado, de forma individual e coletiva, pelos indivíduos que nela habitam.^{VI}

A imprensa, compreendida nessa pesquisa enquanto instrumento difusor de ideias e valores de uma sociedade, expressa idealizações, valores e sentimentos sobre as coisas e o mundo. Nesse sentido, os lugares e os personagens (de uma cidade, como é o caso de Taquara) passam a ser alvo de interpretações, que por sua vez, estabelecem uma série de relações sociais através das



quais as pessoas e os espaços associados a elas passam a apresentar um valor simbólico, sempre ligado as adjetivações. É essa simbologia que, através do tempo e da perpetuação de determinadas visões, reafirma ideias e imagens sobre os espaços sociais e seus personagens.

É nesse contexto ideológico que procuraremos analisar nossas fontes impressas, na medida em que entendemos que essas veiculam discursos produzidos por indivíduos que mantinham contato com o espaço social em questão. Daí, ser possível afirmar que o “Jornal Panorama” era responsável, no período analisado, por criar e difundir uma imagem idealizada sobre o meretrício de Taquara, que procurava atender aos interesses de diferentes grupos da sociedade local e da região do Vale do Paranhana, no qual o Jornal e o meretrício estavam inseridos.

Sobre essa importante questão, que envolve a discussão das imagens e dos discursos na história – sejam elas fotografias, desenhos ou até mesmo discursos que imprimem determinadas imagens sobre as coisas, o historiador Peter Burke^{VII} ressalta que não se pode acreditar que há neste tipo de fonte um olhar inocente do indivíduo que a produziu. Ao contrário, todas as representações construídas pelo homem na sociedade são condicionadas pelo contexto e pelas diferentes motivações que levam os indivíduos a interpretar e produzirem uma determinada leitura do mundo.

Concordando com as considerações feitas por Burke, é preciso estar consciente de que o espaço analisado por nós – o meretrício de Taquara - era considerado como um lugar de desregramento e exclusão social, ou seja, um local onde os indivíduos procuravam “emoções” diferentes do seu dia-a-dia. Assim, tornando-se marcado pela marginalidade, prostituição e medo, o que resultou em discriminação e em preconceito por parte de muitas pessoas. Sendo considerado um ambiente adverso aos bons costumes, por muitos moradores da cidade, a Zona tornou-se um lugar de representações e simbolismo, onde pessoas buscavam ser ou fazer coisas que normalmente em outros locais não poderiam ser e realizar.

Nessa perspectiva, de melhor compreender o processo histórico de construção dessas imagens e representações sobre as mulheres do meretrício de Taquara, observamos aquilo que a historiadora Sandra Pesavento^{VIII} reflete quando analisa os espaços urbanos. Para a autora, se construiu historicamente – e ainda se constrói – um verdadeiro ideal de cidade, cuja imagem é idealizada através dos grupos sociais que a constituem, que dessa forma manifestam seus interesses e seus imaginários, que normalmente se associam as noções de progresso e civilidade. Entretanto, segundo sua interpretação, os espaços do meretrício desempenharam um papel fundamental na dinâmica social das cidades, na medida em que esses lugares – considerados subversivos a ordem estabelecida, funcionavam como uma “válvula de escape”, onde as pessoas procuravam extravasar seus sentimentos e aquilo que era considerado fora dos costumes estabelecidos pela comunidade.

Tendo essa questão como referência em nossa análise apontamos ainda para aquilo que Chartier^{IX} afirma, quando ressalta que os indivíduos, ao se identificarem como grupo, utilizam-se de representações como “elo de ligação” entre eles. Assim segundo ele:

[...] as tentativas feitas para decifrar diferentemente as sociedades, penetrando o dédalo das relações e das tensões que as constituem a partir de um ponto de entrada particular (um acontecimento, obscuro ou maior, o relato de uma vida, uma rede de práticas específicas) e considerando que não há prática ou estrutura que não seja produzida pelas



representações, contraditórias e afrontadas, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido a seu mundo.^X

Verifica-se que, no caso das imagens e das representações produzidas e difundidas sobre o meretrício de Taquara, cria-se uma distinção entre os frequentadores e não frequentadores do local, pois ao criarem uma representação de grupo, distiguem-se os que mantêm os bons costumes e os marginalizados, que não se condicionam às normas estabelecidas.

Essa questão pode ser pensada a partir daquilo que Baczko^{XI} defende quando se refere aos imaginários sociais. Ele acredita que os imaginários sociais produzidos por grupos que circundam um mesmo local, são pontos de referência em seus sistemas simbólicos, na medida em que esses manifestam suas posições e crenças.

Dessa forma, tendo essas questões como referência para pensarmos nosso objeto de análise, atentamos para a importância que a interpretação dessas representações construídas nesse contexto apresentam. Devemos, com isso, pensarmos também na relação dessa questão com a constituição dos imaginários e dos estudos que privilegiam a análise dos espaços urbanos. É nessa perspectiva que iniciamos nossa investigação sobre a produção das imagens e idealizações sobre as mulheres do meretrício de Taquara, procurando dar relevo também ao impacto que essas representações desempenharam na produção da memória coletiva^{XII} sobre o lugar e suas personagens.

A imprensa, o meretrício e as mulheres

Em grande parte dos editoriais publicados pelo Jornal Panorama, evidencia-se a Zona do Meretrício como um lugar de desregramento e exclusão social, tornando-se difícil desvincular a discussão sobre as personagens do espaço urbano marcado como um lugar de marginalidade, prostituição e medo. A partir dessas considerações iniciais, é que passamos a análise mais aprofundada das publicações do Panorama, em diferentes edições.

Iniciamos nossa análise com a reportagem do dia 20 de dezembro de 1975, intitulada “Polícia e Brigada Fizeram Limpeza na Zona”^{XIII} na qual noticiou-se a realização da Operação Varredura, onde, em parceria entre Polícia Civil e Brigada Militar, foi feita a apreensão de elementos em virtude de constantes assaltos nas proximidades da zona. Segundo a imprensa:

Os constantes assaltos que estão ocorrendo nas proximidades da zona do meretrício, levaram a Polícia Civil e a Brigada Militar a unir suas forças e efetuarem a chamada “Operação Varredura”, para recolher os desocupados [...] grande efetivo de soldados (...) deslocaram-se até a zona do meretrício, onde efetuaram um cerco. Vasculharam todas as casas e dormitórios recolhendo os desocupados. Muitos daqueles que se encontravam no interior das casas tentaram fugir pulando janelas até mesmo em trajes menores, porém o cerco dos policiais evitou a fuga de qualquer marginal.^{XIV}

De acordo com a reportagem, quinze homens foram levados a delegacia de polícia para realização de interrogatório. Ainda de acordo com o veículo de imprensa, na região da grande Porto Alegre, outras ações em conjunto entre Brigada Militar e a Polícia Civil seriam realizadas, dentro da “Operação Papai Noel.”^{XV} Segundo a reportagem apurou, a Operação Papai Noel estava sendo realizada em toda a grande Porto Alegre, onde muitas batidas conjuntas, entre Brigada Militar e Polícia Civil, seriam realizadas ainda antes do final do ano.

Nessa mesma linha editorial, a reportagem “Outro Assalto perto da Zona”^[xvi] destaca o perfil de violência do espaço do meretrício. Nela é relatado um assalto ocorrido nas mediações, onde três meliantes cercam um indivíduo que havia frequentado o meretrício, ao anunciarem o assalto, a vítima tenta reagir e é golpeada na testa, perdendo os sentidos. Segundo a reportagem os assaltantes levaram da vítima sua bolsa “leva tudo” e um relógio de pulso. Socorrida por populares, a vítima teria prestado queixa na Delegacia do município e teria sido encaminhada ao Hospital para tratar dos ferimentos. Em decorrência deste fato a polícia do município anunciou que iria fazer operações no local.

Ainda nessa mesma edição, de 20 de dezembro de 1975, foi publicada outra reportagem, dessa vez intitulada “Polícia e Brigada fizeram Limpeza na Zona” em que são retratadas as medidas tomadas pelos órgãos de segurança em relação ao meretrício, dado o estado das coisas naquele local:

[...] Os constantes assaltos que estão ocorrendo nas proximidades da zona do meretrício, levaram a Polícia Civil e a Brigada Militar a unir as suas forças e efetuaram a chamada “Operação Varredura”, para recolher os desocupados.[...]^{xvii}

Nessa operação – de acordo com a imprensa - ao vasculharem as casas do local, os policiais teriam recolhido 16 pessoas que precisaram prestar esclarecimentos na Delegacia de Polícia local. A reportagem ainda retrata que outras operações deste tipo seriam efetuadas antes do final do ano. Passados dois meses dessa publicação, encontramos no editorial de 21 de fevereiro de 1976 uma matéria de capa intitulada “Bateu na Elaine e quebrou a casa”, o Jornal publicou outra reportagem que noticia a recuperação de armas e jóias roubadas, sendo que:

[...] após uma série de investigações e “batidas” a polícia conseguiu apreender na zona do meretrício uma série de objetos que foram roubados em Taquara e São Francisco de Paula. Entre os objetos estariam dois revólveres que, segundo consta, foram usados pelo autor em diversos arrombamentos.^{xviii}

Esta descrição nos mostra fatores relevantes empregados para a caracterização negativa do lugar e de alguns de seus moradores, como o tráfico de entorpecentes, a aquisição de armas e a própria preocupação da comunidade e da imprensa em apoiar qualquer atividade que tentasse coibir as ocorrências de violências na “zona”. Na semana seguinte, o Jornal editou outra reportagem, que reafirma as imagens representadas sobre o meretrício até então. Dessa vez, a reportagem intitulada “Tiroteio na zona”^{xix} tratou mais uma vez o caráter violento do meretrício, na medida em que retratava um tiroteio ocorrido no local, onde um indivíduo disparou tiros contra outro, nos fundos de uma das boates, causando desordem e muita confusão nas atividades noturnas do local naquele momento.

Já na edição de 24 de março de 1979, foi noticiada a detenção de 18 elementos no hotel Turista, situado próximo ao meretrício. Na matéria intitulada “Polícia realizou batida e deteve 18 elementos”, o jornal afirma que a aglomeração no Hotel citado gerou desconfiança entre os policiais de que indivíduos suspeitos pudessem estar no local: “Os policiais, ao passarem pelo local, perceberam grande aglomeração de pessoas e desconfiaram que lá poderiam estar certos indivíduos procurados. Depois de feita uma triagem, foram presos 18 elementos [...]”^{xx}

Após realizar a batida, foi constatada a presença de um homem envolvido em crime ocorrido duas semanas antes. Desta forma, segundo o jornal, a polícia poderia dar continuidade a investigação, pois: “[...] A polícia estava em seu encaço e obteve êxito, podendo, agora com mais dados, continuar o inquérito sobre a morte de [...].”^{XXI} A chamada da notícia ainda faz referência aos serviços realizados pela polícia em Taquara, que afirmava que “Continuando o trabalho de zelar pela ordem pública da comunidade taquarense, os policiais da DP local estão desenvolvendo uma série de “batidas” em lugares onde possam encontrar-se elementos nocivos a sociedade.”^{XXII}

Através da análise feita sobre as fontes impressas, nos chama a atenção, aquela publicada em 26 de junho de 1987. Nela é veiculada a notícia de que o assassino do proprietário de uma boate do meretrício, a “Boate Labarca”, havia se entregue às autoridades policiais. De acordo com a imprensa, o assassino deu sua versão dizendo que era o terceiro de um grupo que estava entrando na boate. Ao entrar, já estaria ocorrendo a confusão, sendo que neste momento o proprietário o atacou com uma faca. Sem outra possibilidade atirou no homem e fugiu.

O assassino disse que nem sabe porque começou a briga na boate Labarca. [...] ele era o terceiro de um grupo que estava entrando na boate. (...) Disse que quando entrou, já estava brigando (o proprietário) com os outros dois homens que o acompanhavam. No meio da confusão o dono da boate teria se voltado contra ele armado de faca, e que, encurralado, não teve outra alternativa, que não fosse atirar.^{XXIII}

A reportagem afirma ainda que a versão das quatro primeiras testemunhas não confirma a versão do indiciado. Segundo as testemunhas os três indivíduos chegaram de outra boate, a Apolo 11, e que apenas aquele não apresentava sinais de embriaguês. A confusão teria começado com o desentendimento entre um garçom e um dos homens, que teria posto os pés sobre a mesa. Este teria sido expulso do recinto, gerando as consequências já sabidas.

Ou seja, as informações veiculadas pela imprensa contribuíram, de forma preponderante, para a difusão de uma imagem que, em todo momento, reafirmava no imaginário coletivo da comunidade, uma visão detratória a respeito do meretrício. Em outras palavras, o que observamos é que esse espaço, na grande maioria dos casos, transformava-se em notícia de jornal apenas em momentos em que lá eram praticados atos de desordem e violência. Em contrapartida, os eventos culturais ocorridos nesse local muito pouco habitavam as páginas do noticiário.

Retornando a década de 1970, notamos que na edição de 20 de dezembro de 1975 é publicada outra reportagem, cujo título em relevo despertava a atenção dos leitores. Era o caso de “Outro assalto na zona”. Nela é registrado o aumento da marginalidade no local, tendo sido mais um ladrão detido pela polícia taquarense. Segundo o editorial, casos de assaltos nessa região se tornaram notícias repetitivas nas páginas do jornal, sendo isso considerado – na interpretação da imprensa – um ato de violência contra o cidadão, que traz medo e preocupação à comunidade próxima do local. Acrescenta-se a isso o fato que os policiais realizaram constantes batidas na Zona do Meretrício e vilas a fim de limpar a cidade dos marginais desocupados. Isso se mostra evidente no momento em que a reportagem afirma que: “[...] Os constantes assaltos que estão ocorrendo nas proximidades da Zona do



Meretrício, levaras a polícia civil e a brigada militar a unir as suas forças e efetuarem a chamada “operação varredura” para recolher os desocupados.”^{XXIV}

As notícias que informam a população taquarense dos crimes e da violência praticada no meretrício continuam sendo uma das pautas principais da imprensa nesse período das décadas de 1970 e 1980. Elas acabaram, com isso, reforçando o imaginário taquarense quanto ao ambiente negativo do meretrício. Esse ideal violento que se associa ao lugar é reforçado na edição de 20 de dezembro de 1975, que traz como destaque “Outro assalto perto da Zona”, em que nos chama a atenção a ideia de que o meretrício abrigava diferentes tipos de marginais: “[...] os policiais deverão agora constantemente efetuar batidas na Zona do Meretrício e vila, a fim de limpar a cidade dos marginais e desocupados.”^{XXV}

Mesmo em um ambiente que, na maioria das vezes, foi considerado “nocivo” a sociedade taquarense, o Jornal Panorama publicou algumas (poucas) reportagens que mostravam outra visão do espaço do meretrício. É o caso da reportagem “Nossa vida noturna tem poucas opções.”^{XXVI} De acordo com as informações veiculadas, era na Apolo 11 que se encontra diversão, dança e música ao vivo na cidade. Era lá também que cantores famosos costumam visitar frequentemente o local, alegrando o mesmo com suas músicas, atraindo um interesse por parte de homens e mulheres cada vez maior pela danceteria. Soma-se a isso, o fato de que prostitutas trabalham nesse local, aumentando cada vez mais sua freguesia.

Cabe ressaltar que o papel desempenhado pelas prostitutas no meretrício não era visto positivamente por parte da população de Taquara. Elas eram entendidas como responsáveis por adotar uma prática imoral, não sendo, segundo sua interpretação, dignas de conviver em sociedade. Para entendermos essa postura é importante lembrar qual era o ideal de mulher da época – as décadas de 1970 e 1980.

Nesse contexto, em especial da área de imigração alemã no sul do Brasil como é o caso de Taquara - a mulher deveria ter “sensibilidade sexual”, ou seja, mostra-se subordinada a sua condição sexual, especialmente em relação a maternidade e aos afazeres domésticos, vendo em seu marido um senhor superior a ela, sendo, portanto, totalmente dominada pelo seu esposo. Diversos estudos^{XXVII} realizados nos mostram como a mulher imigrante foi, durante muito tempo, vista dessa forma, reforçando-se assim o “lugar” que ela desempenhava na sociedade. Assim, sua sexualidade era vista, ainda, como um tabu, ficando sem direitos de expressar-se publicamente.

Nessa linha de pensamento, os comportamentos, entendidos como “desviados” de uma prostituta, a impedia de cumprir suas obrigações sociais, fomentando, por consequência, a desordem social e política. Era esse o caso da zona do meretrício de Taquara. A reportagem “Tiroteio na zona”^{XXVIII} corrobora com essa visão, demonstrando a influência exercida pelas meretrizes em alguns episódios ocorridos naquele espaço. Segundo a reportagem, um indivíduo disparou tiros contra outro, nos fundos de uma das boates do meretrício. O motivo principal envolveria uma mulher que trabalhava no local, por quem provavelmente os dois envolvidos estavam interessados. Nesse caso, a culpa, recai sobre a mulher, que é compreendida pela imprensa como causadora da desordem promovida no meretrício. Nesse caso, a representação das prostitutas do meretrício é mais uma vez associado a desordem e a



violência, que segundo os jornal, eram evidentes naquele espaço, onde prazer e violência constituíam antagonismos simbólicos.

Considerações finais

Investigar os simbolismos que se projetam sobre os lugares da cidade é, sem dúvida, um processo que envolve categorias de entendimento, que nos levam a perceber (ou não) diferentes elementos que tem, como propósito, a consolidação de determinadas visões sobre a urbe. Nesse sentido, a cidade de Taquara (RS), está inserida num espaço tipicamente teuto-brasileiro do sul do Brasil e marcada pelas tradições e pela cultura herdada dos antepassados que colonizaram essas terras no século XIX. Apresenta, dessa forma, características próprias de uma cidade que, ainda nas décadas de 1970 e 1980, procurava preservar de forma evidente os traços identitários herdados da cultura germânica. Percebe-se que, nesse contexto cultural, o meretrício “borrava” essa imagem preterida pelos diferentes grupos de poder – em especial as elites (econômica e política) – que forjavam essa identidade local, associando elementos de moralidade e preservação da cultura teuto-brasileira com os símbolos representativos da coletividade taquarense.

Nessa perspectiva, o meretrício de Taquara foi alvo, sem dúvida, de diversas interpretações por parte da sociedade na qual o lugar se inseria geográfica e socialmente. A imprensa da cidade, enquanto espaço de difusão de ideias e valores contribuiu, decisivamente, para a construção de um imaginário, que buscava exaltar os valores morais e bastante ligados aos princípios defendidos pelas instituições religiosas mais tradicionais da cidade e aos grupos que procuravam, como já afirmamos, preservar as tradições herdadas de seus antepassados alemães.

É preciso observar, no entanto, que certamente muitas opiniões divergiam sobre o lugar, as personagens envolvidas bem como em relação aos acontecimentos que marcaram a trajetória de sua existência. Entretanto, prevaleceu, materializada pela imprensa oficial de Taquara, a imagem do meretrício como lugar de desregramento e imoralidade, que caracterizavam o meretrício e suas personagens.

Se por um lado esse era – como as próprias páginas do jornal mostravam - um lugar da diversão e também da realização de atividades culturais – prevaleceu, por outro lado, a noção de lugar onde se realizavam festas imorais, marcadas pela devassidão e pela violência, e que, em parte, traduzia os interesses daqueles que detinham o poder de falar. Ou seja, de difundir a sua interpretação individual ou coletiva – ainda que de um grupo restrito - sobre o meretrício de Taquara.

É inevitável afirmamos que a violência é um dos elementos que marcou a história do meretrício de Taquara e que esse esteve também associado as bebedeiras e outros tantos atos que atentavam contra a ordem pública estabelecida pelo município. Porém, nos parece necessário questionarmos se essas práticas ocorriam apenas no meretrício e não em outros espaços da cidade, sobre os quais as páginas do jornal muito pouco evidenciaram. Assim, nos parece plausível a ideia de que o meretrício, por ser um espaço “indesejado” por muitos – mas mesmo assim, às vezes freqüentado - acabou se tornando alvo do veículo oficial de notícias da



cidade, passando a ser assim um importante elemento de difusão de representações sobre o meretrício, manipulando com isso, também os imaginários dessa coletividade.

Notas:

^I Doutor em história pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e professor nas Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT). Coordenador do projeto de pesquisa Festa, devassidão e violência: as imagens do meretrício e a idealização de um cenário, de suas personagens e de seu enredo (Taquara, RS), vinculado ao Departamento de História (FACCAT). A pesquisa é resultado do trabalho desenvolvido com os alunos do curso de graduação em história, Jaciara Brizzola Moraes, Maicon Diego Rodrigues e Leonardo Cardoso Wichinheski. E-mail: danielgevehr@hotmail.com

^{II} JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise. (org.) As representações sociais. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

^{III} Ibidem, p. 03.

^{IV} Ibidem, p.03.

^V SCHAETAE, Andréa Mazurok . As comemorações de Tiradentes: memória e identidade de gênero na Polícia Militar do Paraná.Revista de História Regional 14(2): 154-177, Inverno, 2009. Disponível em < www.dominiopublico.br >. Acessado em 16 nov. 2011.

^{VI} PESAVENTO, Sandra J. O imaginário da cidade. Porto Alegre: UFRGS, 2000, p. 32.

^{VII} BURKE, Peter. Testemunha Ocular: História e Imagem. Bauru: EDUSC, 2004.

^{VIII} PESAVENTO, Sandra J. O imaginário da cidade. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

^{IX} Chartier (2002)

^X CHARTIER, Roger. À beira da falésia: A história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: UFRGS, 2002, p.66.

^{XI} BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: Enciclopédia Einaudi(Anthropos-Homem). Portugal: Imprensa nacional/Casa da Moeda,1984. v.5. p. 309-310.

^{XII} De acordo com Charles Monteiro, a memória produzida socialmente (memória social) nos chega através de sua expressão material, como textos literários, jornais, monumentos ou instituição. MONTEIRO, Charles. Porto Alegre e suas escritas. Histórias e memórias (1940 e 1972). São Paulo: 2001. Tese de Doutorado em História. PUCSP. p.125. Ainda sobre essa questão que envolve o conceito de memória, destacamos a afirmação de Fernando Catroga, para quem os termos memória social e memória coletiva são sinônimos e possuem o mesmo significado, ou seja, “a proto-memória e a memória propriamente dita têm uma atualização mais subjetiva e subconsciente, enquanto que esta última e a metamemória se expressam como rememoração; por sua vez, à metamemória cabe, sobretudo, o papel de acentuar as características inerentes à chamada memória social ou coletiva e às modalidades de sua construção e reprodução.” CATROGA, Fernando. Memória e História. In: PESAVENTO, Sandra J. (org.) Fronteiras do milênio. Porto Alegre: UFRGS, 2001, p.44.

^{XIII} Jornal Panorama, 20 dez. 1975. n.13. p.5.

^{XIV} Ibidem, p.5.



^{xv} Ibidem, p.5

^{xvi} Ibidem, p.20.

^{xvii} Ibidem, p.20.

^{xviii} Jornal Panorama, 21 fev. 1976. n. 22. p. 5.

^{xix} Jornal Panorama, 28 fev. 1976, p. 8.

^{xx} Jornal Panorama, 24 mar. 1979. n. 24. p. 7

^{xxi} Ibidem, p.7.

^{xxii} Ibidem, p.7.

^{xxiii} Jornal Panorama, 26 jun. 1987. n. 883. p. 3.

^{xxiv} Jornal Panorama, 20 dez. 1975. n. 13. p. 20.

^{xxv} Ibidem, p. 20.

^{xxvi} Jornal Panorama, 01 nov. 1975. Capa.

^{xxvii} Exemplos dessa questão são discutidos nos estudos de autores como: TEDESCO, João Carlos. O Gênero na Imigração: Redefinições de Papéis e Dinâmicas Étnicas. Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 9. Florianópolis: UFSC, 2010. LERMEN, Gisela A. Büttner. Mulheres imigrantes alemãs e Igreja no Brasil: dificuldades e possibilidades para uma pesquisa histórica. Protestantismo em Revista, São Leopoldo, v. 10, mai/ago. 2006. FAVARO, Cleci Eulália. Imagens femininas: contradições, ambivalências, violências. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

^{xxviii} Jornal Panorama, 28 fev. 1976, p. 8.

Referências Bibliográficas:

BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.). **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: UNICAMP, 2004.

CANCLINI, Néstor García. **Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação**. Opinião Pública, Campinas, v. 8, n. 1, 2002.

CATROGA, Fernando. **Memória e História**. In: PESAVENTO, Sandra J. (org.) Fronteiras do milênio. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e esfera pública. A construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2000.



MONTEIRO, Charles. Porto Alegre e suas escritas. **Histórias e memórias (1940 e 1972)**. São Paulo: 2001. Tese de Doutorado em História. PUCSP.

PEDRO, Joana Maria. **As guerras na transformação das relações de gênero: entrevista com Luc Capdevilla**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 13, n. 1, jan./abr. 2005.

_____. **Mulheres do sul**. In: PRIORE, Mary Del. (Org). História das mulheres no Brasil. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: EDUSC, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Lugares malditos: a cidade de outro no Sul brasileiro: Porto Alegre, passagem do século XIX ao século XX**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 19, n. 37, set. 1999.

SILVA, Luis Martins da. **Imprensa, discurso e interatividade**. In: O jornal da forma ao sentido. Brasília: Paralelo15, 1997.